

Ser mulher: discursos veiculados nas revistas “O Jovem Luterano” e “O Cruzeiro” (1950-1960)

Being a Woman: speeches conveyed on "O Jovem Luterano" and "O Cruzeiro" magazines (1950-1960)

Tânia Nair Alvares Teixeira¹
Universidade Federal de Pelotas
tanielvares@yahoo.com.br

Elias Kruger Albrecht²
Universidade Federal de Pelotas
eliask.albrecht@gmail.com

Patrícia Weiduschadt³
Universidade Federal de Pelotas
prweidus@gmail.com

Resumo: Pretende-se abordar a educação feminina por meio de discursos publicados numa revista luterana juvenil denominada *O Jovem Luterano*, e numa revista cultural e de entretenimento conhecida como *O Cruzeiro*. A investigação contará com análise documental, Bacellar, (2008). A perspectiva adotada foi explorar os discursos moralizantes, normativos e prescritivos em relação ao comportamento das mulheres e ao papel social que lhes é atribuído Pedro e Louro (2013), Felipe e Goellner (2013), Sant’Anna (2014). Nas edições referentes aos anos de 1950 e 1960, observou-se maior disseminação de discursos voltados a orientar as experiências domésticas e sociais das mulheres; evidenciando a função social e biológica da mulher enquanto esposa, mãe e dona de casa. Tais discursos revelam as várias formas de processos educativos tanto de ensino

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

regular quanto no que diz respeito ao papel das mulheres na construção do fazer e do pensar feminino dentro da sociedade.

Palavras-chave: Periódicos, educação do feminino, papel social da mulher.

Abstract: The aim is to approach female education through discourses published in a Lutheran youth magazine called *O Jovem Luterano*, and in a cultural and entertainment magazine known as *O Cruzeiro*. The research will use documentary analysis, Bacellar, (2008). The perspective adopted was to explore the moralizing, normative and prescriptive discourses in relation to women's behaviour and the social role attributed to them Pedro and Louro, (2013); Felipe and Goellner, (2013), Sant'Anna, (2014). In the 1950s and 1960s editions, there was a greater dissemination of discourses aimed at guiding women's domestic and social experiences; highlighting the social and biological role of women as wives, mothers and housewives. These discourses reveal the various forms of educational processes Elias ,(1993), Silva ,(2009), both in regular education and in the role of women in the construction of feminine doing and thinking within society.

Keywords: journals; female education; female social role.

Introdução

O presente estudo caminha pelo campo da história da educação e tem como objetivo abordar a educação feminina por meio de discursos publicados numa revista religiosa luterana juvenil denominada *O Jovem Luterano*, e numa revista cultural e de entretenimento com intensa circulação nacional, a revista *O Cruzeiro*. Dadas as especificidades de tais periódicos, a abordagem que converge é no sentido de discutir discursos moralizantes, modeladores e prescritivos em relação ao papel social atribuído ao comportamento das mulheres. Serão observadas aproximações e distanciamentos dos conteúdos nas publicações desses dois periódicos no que tange à mobilização da educação do público jovem feminino.

Buscamos problematizar como dois impressos com conteúdo distinto – editores e público-alvo diferenciados, promoveram discursos convergentes educativos para o público feminino. Nosso intento é demonstrar como diferentes impressos veicularam certa unidade discursiva dos papéis atribuídos ao público feminino no recorte temporal escolhido.

Para tanto, iremos utilizar como aporte teórico da análise do feminino o diálogo voltado à história das mulheres, com Pedro e Louro (2013); Felipe e Goellner (2013), com relação à história do corpo e da beleza; e Sant'Anna (2014), Silva (2009) para compreender a mobilização dos periódicos como formadores educacionais da sociedade. Para entender o papel exercido por estas revistas na formalização dos costumes e das tradições em sociedades particulares, usaremos Norbert Elias (1993).

A revista *O Jovem Luterano* (1929-1971) pode ser caracterizada como um periódico juvenil produzido no Brasil, pelo Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Tinha por objetivo orientar a vida social e religiosa de jovens e adolescentes (WARTH, 1979). Já a revista *O Cruzeiro* nasceu de um

projeto do jornalista português Carlos Malheiro Dias. Este não teve como levar o projeto adiante, passando-o, então, ao empresário e jornalista Assis Chateaubriand, o que fez surgir a Empresa Gráfica Cruzeiro S.A. na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou a circular em 10 de novembro de 1928 como uma revista semanal ilustrada (NETTO, 1998).

Estudos realizados por Weiduschadt (2007; 2012), Albrecht (2019) e Romig (2021), observam que a instituição luterana, produtora da revista *O Jovem Luterano* mantinha um sistema escolar de ensino e aprendizagem que se entrelaçava com a religiosidade. Nesse contexto, o Sínodo de Missouri destacava-se pela produção de material didático e paradidático⁴ com o objetivo de promover atividades educacionais e doutrinárias complementares e adaptadas para idades específicas (WEIDUSCHADT, 2012).

A revista *O Jovem Luterano* nasceu de um acordo firmado entre o Sínodo Missouri e a *Waltherliga Brasilians*, como era chamado o agrupamento dos jovens ligados à referida instituição religiosa. A motivação era “oferecer instrução e entretenimento a todos os jovens” (WALTHERLIGA BRASILIANS, dez. 1928, p. 1). O periódico passou a ser mensalmente publicado a partir de 1929 sob o nome de *Der Waltherliga-Bote*⁵. Posteriormente, em 1940, por consequência da nacionalização⁶ do ensino passou a se chamar *O Jovem Luterano*, mantendo-se em circulação até 1971, momento em que foi anexado ao Mensageiro Luterano⁷, como um caderno dentro do referido folheto.

A revista tinha como foco promover programas para instruir a juventude nos princípios da instituição luterana Sínodo de Missouri, preservá-la das armadilhas do mundo e orientar atividades recreativas e divertimentos que não ofendessem a religião e dignificassem o jovem perante Deus e a sociedade. Como um veículo de comunicação juvenil, a revista se coloca como o elo de ligação entre o jovem e a igreja. Por meio dela, os jovens eram convidados a refletir sobre temas variados relacionados a vida, ao corpo e a alma.

A revista *O Cruzeiro*, embora fosse consumida por todas as classes sociais, tinha a classe média urbana e branca como maior número de leitores. Conforme Ribeiro (2009), “[...] a revista representava: a sociedade da classe dominante do Brasil daqueles anos, composta por políticos influentes, governos, militares, igreja, industriais, produtores rurais e empresários”, o periódico também era composto por intelectuais como “Portinari, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Humberto de Campos, Austregésilo de Athayde” (RIBEIRO, 2009, p.25).

Entendemos que a revista foi publicada a partir de um específico grupo social, como relatamos. Entretanto, não podemos afirmar que ela não objetivasse atingir uma camada mais ampla da população, talvez tenha havido um efeito de disseminação dessas leituras para uma classe mais popular. Como nos diz

⁴ Instrumentos produzidos para fins de ensino, porém sem as características funcionais de composição do manual didático. Para saber mais, ver: Munakata (1997).

⁵ O nome da revista era uma homenagem ao fundador da igreja de Missouri nos Estados Unidos, chamado Carl Ferdinand Wilhelm Walter (WEIDUSCHADT, 2012).

⁶ Conjunto de medidas adotadas durante o governo de Getúlio Vargas, como proibição da fala e literatura estrangeira, entre outras medidas, para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira. Ver (SEYFERTH, 1997).

⁷ Periódico da Igreja evangélica luterana do Brasil (IELB) considerada a revista da ‘família luterana brasileira’; sua edição teve início em 1917 e se mantém interrompida com publicações mensais até os dias atuais.

Chartier (2009), as pessoas populares leem os manuais porque querem saber como os outros vivem, leem como se fosse um romance, não pretendem entender de etiquetas, por exemplo, apenas saber que isso existe.

Este trabalho está centrado nas edições correspondentes às décadas de 1950 e 1960, período em que é percebida uma maior propagação de discursos relacionados a orientar as vivências domésticas e sociais de moças e senhoras. Isso não quer dizer que esses direcionamentos não possam ser observados em outros períodos dos referidos periódicos. Pelo contrário, eles estão presentes e suas abordagens se fazem necessárias para problematizar a existência de uma estrutura social e religiosa em que as mulheres são forçadas a reproduzir comportamentos e costumes pré-estabelecidos. Como ser dona de casa, esposa e mãe zeladora pela educação dos filhos, assim como pela saúde e aparência da família.

Tais revistas são consideradas, aqui neste artigo, documentos escritos. Portanto, vale referir que estamos entendendo por documento “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho que é considerado como documento ou ‘fonte’” (CELLARD, 2010, p. 296).

Então, os caminhos metodológicos adotados para este estudo pautaram-se nos princípios da investigação da análise documental, conforme Bacellar (2008), que consiste na realização de um estudo contextualizado com o tempo social, político e religioso em que os documentos em questão foram produzidos. Estes provêm do passado e certamente não foram elaborados pensando no trabalho dos futuros historiadores, mas sim visavam atender às exigências ou necessidades específicas de um determinado momento histórico. Tão logo, eles devem ser entendidos em suas particularidades.

Quando nos referimos a impressos, Tania De Luca (2008) observa a importância da realização de uma análise circunstanciada do periódico em seu lugar de inserção, pois “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam (DE LUCA, 2008, p. 140). Para a autora, entender o contexto no qual o impresso foi produzido é fundamental para interpretar o seu conteúdo dentro das relações sociais estabelecidas, uma vez que são construções discursivas que se consolidam como parte constituinte das práticas sociais do público leitor.

Com relação ao uso de impressos em estudos dedicados ao campo educacional, autores como Bastos (2002) e Nóvoa (2002) destacam a sua importância como fonte de pesquisa, especialmente quando se objetiva investigar a cultura educacional e as diferentes esferas que exercem influências na formação do pensamento em contextos específicos e em épocas distintas. Classificada por eles como um excelente observatório, a imprensa educacional permite ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico e social de determinados grupos da sociedade a partir da análise dos discursos veiculados, revelando costumes e virtudes morais e sociais de comunidades específicas.

Concordamos com esses pesquisadores quando afirmam que os impressos oferecem informações essenciais para quem busca compreender as diversas conexões existentes entre produção, circulação e apropriação de um escrito produzido a partir das “[...] configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço” (CHARTIER, 1990, p. 27). Por conseguinte, Scalzo (2004, p. 13) afirma que a imprensa periódica por muito tempo auxiliou “[...] na formação e na educação de grandes fatias da população que necessitavam de informações específicas, mas que não queriam ou não podiam dedicar-se aos livros”; cumprindo assim, funções culturais e educativas mais complexas que a simples transmissão de notícias.

Portanto, os periódicos em questão são arrolados neste estudo como condutores de intencionalidades. Desta maneira, na sequência do texto buscamos, em um primeiro momento, fazer algumas aproximações com a materialidade das revistas, especificando as suas particularidades. Isto para assim, em um segundo momento, refletir sobre a educação do público feminino, observando as perspectivas e direcionamentos das revistas *O Jovem Luterano* e *O Cruzeiro*.

Primeiras aproximações com a materialidade das revistas

As primeiras aproximações com a fonte sempre dizem respeito à sua materialidade. Segundo Chartier (2002, p. 61- 62), é preciso lembrar que os textos não existem fora dos suportes materiais e que “[..] as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”. Sua natureza, forma de apresentação e organização sempre antecipam algumas informações e desdobramentos com relação ao que iremos nos deparar ao fazer a leitura do texto. Desta maneira, entendemos ser conveniente, antes de adentrar na análise do conteúdo proposto para este estudo, apresentarmos algumas capas das revistas para melhor dar a ver o campo empírico do trabalho.

A revista *O Jovem Luterano* (figura 1), como já referimos, tinha como objetivo colaborar com os interesses da instituição luterana Sínodo de Missouri e manteve um relacionamento próximo entre a religiosidade e a cultura escolar, visando influenciar a formação do pensamento de jovens e adolescentes.

Figura 1- Capas da Revista “O Jovem, luterano” das décadas de 1950 e 1960



Fonte: Arquivo pessoal

O periódico juvenil iniciou as suas publicações em língua alemã em 1929, quando se chamava “*Der Waltherligabote*”, e somente em 1940, por consequência da nacionalização do ensino e proibição da

circulação da literatura estrangeira, a revista passou a ser redigida em língua portuguesa sob o título *O Jovem Luterano*.

Com edições mensais, a revista era produzida e editada pela Casa Publicadora Concórdia (atual Editora Concórdia), cujos editores e principais colunistas estavam direta ou indiretamente ligados à instituição religiosa, entre eles pastores, professores e jovens seminaristas. Sua assinatura era anual e custeada pelo assinante, e a tiragem oscilava em torno de três mil revistas nas décadas de 1950/60, período escolhido para este estudo.

A revista era um meio utilizado pelo Sínodo de Missouri para educar e doutrinar a juventude⁸. Nela, os jovens eram convidados a refletir sobre temas variados relacionados à vida, ao corpo e à alma. Entre essas instruções estão meditações, conhecimentos bíblicos e catequéticos, o papel do jovem na igreja, cuidados com a saúde e o bem-estar físico e social, recomendações para a sociabilidade de moças e rapazes e seu papel na sociedade, namoro, vida matrimonial e família.

Com relação à materialidade, o periódico manteve um formato regular de tamanho 15 x 22, não havendo grandes oscilações em número de páginas, que giravam em torno de 16 a 18 por edição. As edições em língua alemã possuem capas ilustradas e coloridas, enquanto que as revistas da década de 1940, em português, apesar de variarem em cor possuem uma capa padrão e o mesmo logotipo. O corpo da revista, até o referido período, possuía folhas que se assemelhavam ao papel jornal, mas com uma textura um pouco mais densa. Era impresso em preto e branco, incluindo as figuras. Já a partir da década de 1950, início do nosso recorte de análise, observamos mudanças graduais da revista, com capas diversificadas e impressões coloridas, bem como a textura de suas folhas ficando mais lisas e com um aspecto mais brilhante, muito próximo a papel couchê⁹.

Outro aspecto a ser considerado é que apesar da perspectiva religiosa da revista, é possível observar a partir do folhetim uma liberdade orientada com base em modelos sociais e comportamentais de cada época. Nesse contexto, as chamadas pela própria revista como “Páginas das moças” abordavam temas direcionados exclusivamente para meninas, trazendo questões relacionadas à saúde, beleza, culinária e cuidados para com a casa e a família, cabendo a elas zelar pela educação dos filhos, assim como pela saúde e aparência da família.

Por sua vez, a revista *O Cruzeiro*¹⁰ nasceu de um projeto do jornalista português Carlos Malheiro Dias, sendo assim o idealizador da revista, mas que por razões financeiras precisou desfazer-se dela, mesmo antes de ser lançada no mercado nacional em 1927.

⁸ A instituição religiosa compreendia a juventude como o espaço de tempo entre a confirmação que ocorria aproximadamente entre 12 e 14 anos, (ROMIG, 2021), e o casamento que sugestivamente deveria ocorrer em “torno de vinte e três a vinte e cinco anos, dando uma margem de alguns anos para baixo e para cima conforme as circunstâncias” (O JOVEM LUTERANO, nov., 1943, p. 168).

⁹ Recebe esse nome após passar por um processo químico que envolve produtos como carbonato de cálcio, caulim, látex e outras, que protegem as fibras do papel e por consequência deixam o papel mais resistente, com uma superfície lisa e uniforme.

¹⁰ A Revista O Cruzeiro nasceu em 1928 e circulou até 1985, porém o período de análise será de 1950 até 1969.

O Cruzeiro iniciou a circular em 10 de novembro de 1928 como uma revista semanal ilustrada, ainda sem o artigo “O”¹¹, nome que só surgiu a partir de 1929. A publicação veio à luz com uma capa vistosa que trazia o rosto de uma bela mulher num fundo azul com a constelação do Cruzeiro do Sul ao fundo. O título vinha impresso na parte de cima da capa do periódico, em vermelho, (Cruzeiro) e abaixo dele dizia “Revista Semanal Ilustrada”. Do lado direito havia o preço: um cruzeiro. A edição esgotou em poucas horas. Tornou-se comum que as suas capas fossem estampadas com fotografias de mulheres e que houvesse as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul (VELASQUEZ, 2019).

Notamos, então, que, apesar de ser um periódico de variedades e não voltado para o público feminino, as mulheres tinham destaque, fosse nas capas ou em algumas sessões voltadas para elas. É o que se pode constatar na figura a seguir, a qual mostra algumas capas da revista *O Cruzeiro*.

Figura 2 - Capas da Revista “O Cruzeiro” das décadas de 1950 e 1960



Fonte: Revista O Cruzeiro, Hemeroteca Digital Brasileira¹²

Interessante considerarmos que a revista foi responsável por iniciar a consolidação do sonho de seu fundador: ligar as várias regiões do Brasil através da imprensa. *O Cruzeiro* foi precursor, concebido num período em que a televisão ainda não era um veículo a que os brasileiros tivessem acesso, lançando-se na difícil tarefa de integrar o Brasil por seus meios de comunicação.

¹¹ A primeira edição da revista de 10 de novembro de 1928 chamava-se *Cruzeiro*, sem o artigo O, que só é anexado ao título na edição de número trinta e um.

¹² Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 23 out. 2022.

O processo de modernização atingia muito a linha editorial. Além de Accioly Netto¹³, o primo de Assis Chateaubriand, Leão Gondim de Oliveira¹⁴, e sua esposa, Amélia Whitaker¹⁵, também influenciaram nos temas e assuntos abordados pela revista. O moralismo cristão de Amélia, conhecida como dona Lili, é visível nas colunas dedicadas a conselhos femininos e ao comportamento da mulher.

Podemos observar que o periódico foi um dos pioneiros em mostrar o universo feminino de maneira charmosa, dando a ele espaços que, até então, não eram muito comuns na imprensa brasileira – geralmente eram ocupados por assuntos como moda e beleza, sendo retratado em propagandas com modernidade e contemporaneidade. Foi uma revista que ao prover assuntos voltados para as mulheres revolucionou o mercado editorial brasileiro, apresentando não apenas um perfil feminino, mas vários. Estas imagens de mulheres eram a marca da revista, que eram mostradas nas capas, nas colunas, seções e reportagens que destacavam esse público de diversos padrões, como donas de casa, moças que queriam se casar e jovens modernas.

Levando em conta o destaque desses espaços voltados para o público feminino ou, como a própria revista nomeava: “Da mulher para a mulher”, *O Cruzeiro* merece relevância, visto que o periódico foi precursor nesse tema. Nele encontrava-se o famoso “Correio Sentimental”, no qual as mulheres escreviam para falar de seus problemas sentimentais; o “Lar, doce Lar”, que mostrava questões domésticas e trazia receitas culinárias de Helena Sangirardi (depois de Thereza de Paula Penna).

“Elegância e Beleza” era outra seção, que relatava como a mulher deveria proceder para atingir certo padrão de beleza e era considerada um consultório sentimental, escrita pela editora Elza Marzullo, que trabalhou na revista até o seu final. Ainda havia a seção “Da Mulher para a mulher”, em que a(o) responsável assinava com o pseudônimo Maria Teresa¹⁶.

“Garotas” também era uma coluna importante da revista, contava com a assinatura de Alceu Penna na parte ilustrativa que, com o sucesso de suas Garotas, vai se tornar um nome conhecido e influente no cenário da moda nacional (PINSKY, 2013). Duas páginas da revista *O Cruzeiro* eram ocupadas pelas Garotas do Alceu. Tinham uma boa aceitação, visto que circularam durante 28 anos na revista.

É interessante compreender qual a imagem de mulher que surgia naquele período, visto que a moda era quase toda dedicada às mulheres. As moças apareciam vestidas elegantemente, para serem notadas, parecendo buscar um lugar de esposas.

Outro item relevante é o destaque dado às mulheres, tanto no que tange às propagandas de bens de consumo doméstico, produtos de beleza e higiene, quanto nas capas da revista. As figuras femininas quase sempre apareciam nas capas desse periódico, assim como em notas de humor, sendo ridicularizadas e também representando um ideal de beleza a ser copiado. A beleza feminina era destaque e a revista ditava moda para este público.

¹³ Diretor e redator-chefe de *O Cruzeiro*.

¹⁴ Diretor-gerente da revista *O Cruzeiro*.

¹⁵ Diretora-presidente da revista *O Cruzeiro*.

¹⁶ Pseudônimo adotado por Accioly Netto ao dar início à coluna. Posteriormente passou a ser escrita por Helena Rego Costa.

Dessa maneira, percebemos que não somente o espaço escolar serve como um lugar de aprendizado, já que outros locais e instâncias sociais também orientam pedagogias quando ensinam formas de ser e de estar no mundo, apontando, assim, modelos de comportamentos a serem seguidos. É assim que “estabelecem hierarquias, classificam, aprovam e desaprovam corpos e aparências; sancionam e penalizam comportamentos, gestos, atitudes” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 7).

Durante toda década de 1950 a revista foi um destaque entre os meios de comunicação no Brasil, fazendo-se presente em inúmeros lares de famílias de classe média, sempre dedicando várias páginas ao público feminino. A revista circulou até 7 de maio de 1975, quando veio a falir com muitas dívidas e atrasos salariais, vendendo apenas 120 exemplares semanais.

Cabe lembrar que o sonho das mulheres nesse período era o de contrair um matrimônio conveniente que lhes desse a segurança de um lar e filhos. Para isso, precisavam conservar-se belas e reservadas, dentro do padrão da época do que seria beleza e discricção, com intuito de satisfazer o marido e cuidar da casa com dedicação, bem como não esquecer qual o seu lugar, mantendo a postura.

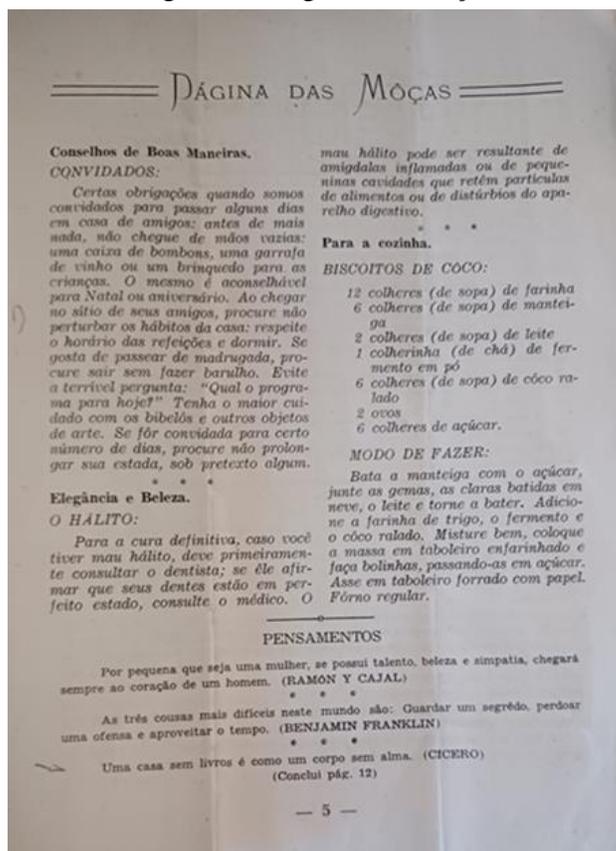
As revistas *O Jovem Luterano* e *O Cruzeiro* e a educação do feminino.

Como produtos de uma época, as revistas vêm despertando cada vez mais o interesse de pesquisas no âmbito da história da educação, visto que “a imprensa periódica por muito tempo ajudou “[...] na formação e na educação de grandes fatias da população que necessitavam de informações específicas, mas que não queriam ou não podiam dedicar-se aos livros” (SCALZO, 2004, p. 13).

Como elementos de controle social, as revistas serão aqui mobilizadas no sentido de entender a educação do feminino sob a perspectiva de uma instituição religiosa e de uma revista de variedades que priorizava matérias para o público feminino com base em modelos sociais das décadas de 1950 e 1960. Visando a normatização das práticas femininas dentro do espaço público e privado, elas funcionavam como um espaço pedagógico no sentido de orientar as relações de si e para com os outros.

Havia nesse período, na revista *O Jovem Luterano*, uma coluna denominada “Página das moças” (Figura 3), com temas direcionados exclusivamente para meninas, o que nos leva a pensar sobre como as figurações sociais se interpunham para delimitar e/ou validar a função do feminino dentro do espaço social religioso luterano.

Figura 3 - Página das moças



Fonte: revista “O Jovem Luterano”, mar. 1959. p. 5.

A figura acima ilustra parcialmente como a página era apresentada dentro da revista. O título em caixa alta na parte superior chamava a atenção de que aquele conteúdo era dedicado para as moças. Organizada de forma semelhante, ela trazia mensalmente conselhos sobre boas maneiras, dicas de beleza, saúde e bem-estar, receitas de doces e salgados, entre outros assuntos ditos relacionados ao público feminino, e também alguns “pensamentos”, que provavelmente eram acrescentados para completar a página uma vez que eles não são contínuos. Também a questão ilustrativa é bastante restrita, o que se pode observar é a presença de algumas ilustrações pequenas, em preto e branco, de doces e salgados.

Silva (2009), ao observar a construção do elemento feminino entre jovens sob a perspectiva das instituições religiosas, com base em modelos sociais da primeira metade do século XX, averigua que os impressos serviram como um importante espaço de educação as mulheres no sentido de deixar explícita a suposta tendência e inclinação para o espaço vocacional da mulher de esposa, mãe e educadora. Em síntese a autora deixa claro que a finalidade desse processo educativo por intermédio de periódicos direcionados ao público feminino não era somente o de forjar a mulher cristã católica ou protestante, mas, principalmente, moldar o comportamento feminino que a sociedade entendia como sendo o adequado para aquele gênero, que era ser boa esposa, mãe, dona de casa e zeladora pela educação dos filhos.

Em acordo com essa perspectiva cabe aqui observar que mesmo antes da revista *O Jovem Luterano* criar uma página exclusiva direcionada ao aconselhamento do público feminino, ela já traz indícios daquilo que Silva (2009) vai chamar de normatização das práticas femininas dentro do espaço público e privado, de acordo com os códigos de boas maneiras de cada época.

O direito à educação e a ter uma profissão não era negado à mulher. Conforme podemos observar, a docência era estimulada desde que ela conseguisse conciliar com as suas obrigações enquanto esposa, mãe e dona de casa.

A “Página das Moças” pode ser assim percebida, com base nos padrões sociais e institucionais da época, como um tutorial das práticas femininas. Sua motivação era “colaborar com nossas leitoras trazendo-lhes receitas, conselhos práticos para a vida e mesmo alguns conselhos de beleza e comportamento.” (O JOVEM LUTERANO, jan. 1957, p. 12). Logo, ficam bastante evidentes as observações de Albrecht (2019) sobre a existência de discursos e normativas socialmente construídas que entrelaçavam o espaço social e o religioso, onde a mulher era percebida como sendo a responsável pelo domínio doméstico, como aquela que zela pela educação e higiene dos filhos, pela organização e funcionamento da casa. Trata-se de “uma construção social delimitada por fatores entendidos em determinadas sociedades como atividades adequadas a cada sexo, podendo ainda ser compreendida como uma maneira de naturalizar certos comportamentos sociais” (ALBRECHT, 2019, p. 175).

Com relação aos deveres no casamento, a revista *O Jovem Luterano* observa que era responsabilidade do marido prover o sustento da casa, e caberia à esposa retribuir “o cuidado e a proteção que lhe é oferecido, transformado o lar em um ambiente aprazível” (O JOVEM LUTERANO, ago. 1958, p. 11). Complementa, ainda, que para o sucesso do matrimônio, a mulher deveria estar disposta a ser mãe: “É a vontade de Deus. Tem sobre si a responsabilidade de dar à luz aos filhos, criar e educar os mesmos” (p. 11), invocando assim os “tradicionalis arranjos sociais dos gêneros” onde as características biológicas são acentuadas. Delegando ao “homem as atividades públicas [...] e às mulheres as atividades privadas, do cuidado e educação das crianças, dos serviços domésticos e da manutenção da família” (LOURO, 1994, p. 36).

O Jovem Luterano procurava dirigir-se às moças como alguém muito próximo, a quem estava ali para aconselhar e orientar tanto o ser como o fazer:

Amiga! Procura tirar dessas páginas o que te puder ser útil, agora ou na sua vida futura como dona de casa ou mãe. Lembre-se que é a mulher que deve dar o bom exemplo- no lar, na comunidade e na sociedade – tanto na educação como na apresentação exterior como nos modos de agir (O JOVEM LUTERANO, nov. 1958, p. 12).

Percebidas como agentes de um modelo de vida e comportamento cristão, era importante que a mulher fosse uma referência como esposa, mãe e educadora da infância dos seus filhos e moderadora da moral e dos bons costumes. A revista entendia que a moça, assim como a mulher, tinha o poder de influenciar a conduta

e os hábitos das pessoas com as quais ela convivia. Assim, a dignidade feminina deveria manifestar-se em ações e influências dignas, caridosas e positivas (O JOVEM LUTERANO, mai. 1969).

Os discursos acerca da maternidade normatizavam alguns procedimentos e condutas com relação à educação dos filhos. Cabia à mãe cuidar da formação física e da transmissão de valores aos filhos. Através da conduta e dos hábitos, as mulheres iriam induzir modelos de comportamento entendidos como adequados para uma sociedade cristã.

Por se tratar de uma revista para jovens, cabe aqui observar as ponderações realizadas por Muller (2004) com relação à reprodução de certos comportamentos sociais. Para a autora, não se deve negligenciar a existência de uma construção social historicamente orquestrada com diferentes regras de comportamento para homens e mulheres. Considerando o campo das relações sociais, os jovens acabam reproduzindo um modelo tradicional de relações de gênero para poderem ser socialmente aceitos, assim, dentro desta constelação de valores e atitudes que reafirmam de forma constante que as exigências sociais são diferentes para moças e rapazes: “Espera-se que a menina tenha um cuidado redobrado com seu próprio corpo e que se comporte dentro dos padrões de conduta previstos para a futura mulher / esposa / mãe (FRAGA, 2000, p. 91).

O comportamento socialmente desejável perpassava também por interesses ligados à saúde e à dignidade humana (ELIAS, 1993). Elegância estava diretamente ligada ao comportamento, logo não era errado a mulher cuidar da sua aparência visual, mas era essencial saber portar-se bem. Não era a beleza natural, nem a formosura que tornariam a moça digna e sim o seu caráter (O JOVEM LUTERANO, jan./fev. 1959). Mais importante que o saber se vestir era saber se comportar. Assim, era preciso evitar os exageros e tomar cuidado com algumas práticas corporais que poderiam vulgarizar a mulher e gerar escândalos na sociedade.

Com relação às boas maneiras e regras de etiqueta na rua, a revista observa que

A rua não é uma sala e pertence a todos [...] se na rua um desconhecido lhe dirigir a palavra, galanteios ou procurar acompanhá-la não de escândalo, nem chame a atenção de todos. Responda sem grosseria e mude até de calçada se necessário for afim de afastar o inconveniente (O JOVEM LUTERANO, abr./mai. 1959, p. 9).

A moralidade e o comportamento estavam, assim, atrelados a ações de juízo e valor que se desvelavam nas relações de uns com os outros. Não era de bom tom a mulher fazer escândalos em público, mas a sociedade também não via com bons olhos ela ser cortejada na rua. As orientações práticas de etiqueta recaíam assim sobre o comportamento da mulher, que deveria saber se resguardar. O desenvolvimento dessas regulações comportamentais caminha, na visão de Elias (1993), entrelaçado a um processo de normas reguladoras que são culturalmente redefinidas e reavaliadas na prática cotidiana da vida em sociedade.

Como já comentamos, a rotina da mulher nas décadas de 1950 e 1960 era repleta de recomendações e dicas de como ela deveria se comportar em diversas áreas, da etiqueta à mesa, à correta postura e alinhamento a um padrão de beleza, exprimindo claramente uma necessidade de educar o corpo para a vida social. De

acordo com Sant’Anna (2005), surgiram nesse período leituras dirigidas às mulheres que continham informações do modo como elas poderiam manter a linha, embelezar a cútis, cuidar dos cabelos e da higiene. E, na medida em que as cidades brasileiras cresciam e as mulheres integravam o mercado de trabalho, os conselhos de beleza começaram a incluir nesses “manuais”, além de saberes relacionados aos cuidados com o corpo, modelos de como comportar-se em várias ocasiões, como bailes, jantares, festas, assim como na vida cotidiana, orientando maneiras de andar, falar, sentar, sair do automóvel, conversar, etc.

Como já mencionado, o sonho das mulheres era contrair um matrimônio conveniente que lhes desse segurança de um lar e filhos. Para isso, precisavam conservar-se belas e reservadas, dentro do padrão da época do que seria beleza e discrição, com intuito de satisfazer o marido e cuidar da casa com dedicação, não esquecer qual o seu lugar, mantendo a postura. O desejo de realizar o sonho dessas jovens, direcionando-as para a constituição de um lar feliz e honesto, motivava uma grande parte dos conselhos de beleza.

Sant’Anna (2013) evidencia que nessa época a grande preocupação das mulheres era o medo de virar “moça perdida”, o que as levava a ter cuidado para não serem malvistas pela sociedade. O modelo propagado de beleza era recheado de uma postura contida e de um recato nos gestos. Geralmente, as jovens demonstravam pudores e podiam ficar tímidas diante de uma lisonja masculina. Além disso, era aconselhável que as jovens fossem prestimosas e soubessem realizar trabalhos com bordados e fitas.

Ainda, observamos que, apesar desse apelo ao recato, as revistas mostravam que elas deveriam levar em conta o interesse masculino pelo corpo feminino, ou seja, o rosto ainda era o ponto alto do padrão de beleza vendida nas mídias, mas o corpo inteiro começava a exibir-se nas telas do cinema, assim como nas fotonovelas, como lugar de atenção contínua. Conforme nos fala Joaquim (2015, p. 425), “as transformações sofridas pelo corpo são culturais, nele inscritas, através das ‘técnicas do corpo’ que foram variando ao longo dos tempos”.

A mulher representada na revista *O cruzeiro*, de comportamento regrado por princípios morais cristãos rígidos, era a única possível. Seções como “Lar Doce Lar”, “De mulher para mulher”, “Página das mães”, “Elegância e Beleza”, “Figurinos” ou “Dona” são alguns exemplos do espaço considerável destinado à mulher que refletiam as aspirações que as mulheres na época deveriam ter.

Percebemos que o discurso expresso pelo periódico, e talvez apropriado pelas leitoras, era pensado a fim de promover um modelo de mulher que a sociedade achava adequado, ou seja, de boa esposa, mãe, com uma família sólida, e com qualidades consideradas corretas para as mulheres de sociedade. Então, ao mesmo tempo que mostrava um discurso de uma mulher moderna, com um estilo europeu de se vestir e se portar, demonstrava também uma forma marcante do papel da mulher no lar, como mãe, esposa e dona de casa.

Logo, embora o discurso da mulher moderna e elegante estivesse fortemente veiculado na revista, o significado da modernidade e da elegância estava associado ao consumo e ao bem-estar da família. Percebemos que as matérias que tratavam sobre a questão feminina permaneciam restritas ao cotidiano da mulher, como moda, saúde, beleza, culinária, casamento, maternidade, educação, novelas e romances, decoração: “Assuntos estes tratados como um instrumento de educação das mulheres, com o principal objetivo de educá-las para seus papéis de mãe, esposa e dona de casa” (MENDES, 2012, p. 141).

Nos anos 50 e 60, além de ser esperado das mulheres serem boas esposas, mães e que tivessem dotes domésticos, se fazia relevante ainda terem boa aparência, sinalizando serem saudáveis e bem cuidadas. Segundo Del Priore (2000):

[...] o hábito dos esportes, a fundação de clubes, a ênfase na dança [...], instigava a exposição dos corpos. Instala-se a busca da aparência sã. A medicina começa a sublinhar a importância de exercícios e a vida saudável para preservar, não somente a saúde, mas também a frescura da tez, a pele saudável, o corpo firme e jovem (DEL PRIORE, 2000, p. 71-72).

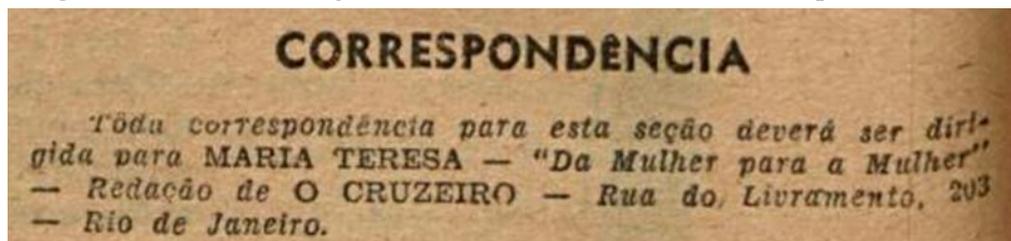
Além dessa preocupação em ter aparência saudável, também identificamos que diversos temas contidos na revista *O Cruzeiro* são considerados como educadores do corpo das mulheres, como discursos sobre saúde, alimentação, higiene, beleza, estética e atividades físicas; “[...] o público é modelado pelos produtos que lhe são impostos [...]” (CERTEAU, 1998, p. 260).

Interessante percebermos que na seção “Assuntos femininos - Elegância e Beleza”, as leitoras pedem dicas de produtos para cabelos brancos, seios flácidos, cabelos secos e alisados, regimes para aumento e perda de peso, e medicamentos para a função intestinal. Destacamos o pedido de ajuda através da carta da leitora com pseudônimo “Violeta Morena”, que solicita dicas para aumento de peso. A revista responde da seguinte maneira:

Os remédios só dão resultado quando a pessoa se alimenta bem. Se puder, pratique esportes e faça ginástica diariamente. Coma tudo o que desejar, e durma 8 horas, no mínimo, deitando cedo. Quando quiser, escreva-nos: aqui estamos para o “desabafo” (O CRUZEIRO, out. 1950, p. 117).

Um ponto que nos chamou a atenção foi o de que as leitoras que solicitam dicas nessa seção assinam com pseudônimos e não com seus nomes próprios. Notamos na seção da revista que não é solicitado que as pessoas enviem as cartas com seus nomes, como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 4– Recorte da seção Assuntos femininos – Da Mulher para a Mulher.



Fonte: Revista O Cruzeiro, out. de 1950, p. 116.

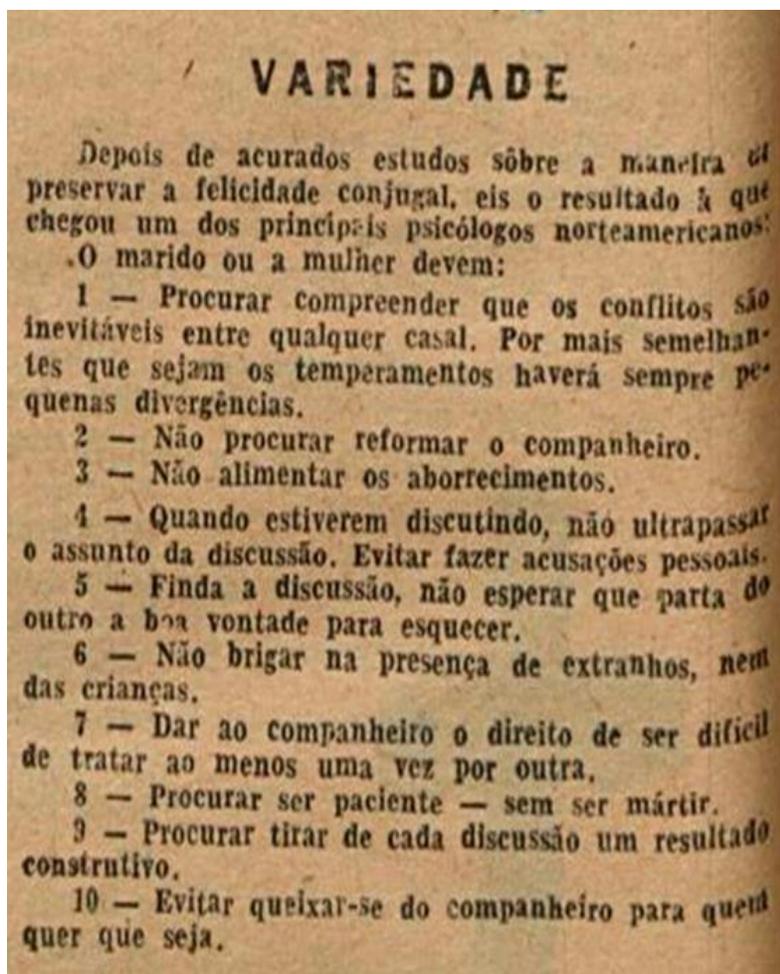
Consideramos, portanto, que o anonimato era algo desejado pelas leitoras que enviavam as cartas, provavelmente por serem pessoas de classe média ou alta que não queriam se expor, demonstrando a preocupação em manterem-se anônimas, ou seja, não terem suas identidades reveladas. Notamos que o meio editorial é norteado pela representação que os editores têm das leitoras.

Na seção “Da mulher para a mulher”, assinada por Maria Teresa, que respondia às cartas enviadas sobre conselhos nos relacionamentos, um texto sobre países nos quais o divórcio era permitido. Esse texto relata que as autoridades competentes deveriam primeiramente tentar a reconciliação do casal, trazendo como exemplo um juiz norte-americano que realizou uma campanha de reconstrução social sob a alegação de que “um lar destruído é sempre uma ameaça à sociedade”. A matéria, na Revista *O Cruzeiro* (out. 1950, p.116), segue destacando que o juiz alegou que “as mulheres são capazes de maiores sacrifícios para a preservação da família, aceitando com maior tolerância as fraquezas do marido”.

Na mesma página da revista, mulheres enviaram correspondências solicitando conselhos em relação a diversas situações; como a “Desconsolada”, de São Paulo, que tinha receio de contar ao namorado que era mais velha que ele. A responsável pela seção respondeu dizendo que a leitora deveria proceder com lealdade, falando para o namorado sua realidade, ressaltando que “situações irregulares como a sua não devem ser proteladas de forma alguma” (O CRUZEIRO, out. 1950, p.116).

Em outra seção, uma coluna dá dicas de psicólogos norte-americanos sobre como manter um casamento harmonioso, conforme pode ser observado na figura a seguir:

Figura 5 – Coluna Variedades.



Fonte: Revista O Cruzeiro jan. de 1951, p. 100.

O segundo tópico confirma que num casamento “não se pode reformar o companheiro”, e sugere que a mulher deve aceitar o homem como ele é, e não tentar mudar suas características. O tópico 7, de “dar ao companheiro o direito de ser difícil de tratar ao menos uma vez por outra” é semelhante, pois mostra que a mulher tem que aceitar o marido do jeito que ele é.

Em contraponto com essas dicas de que a mulher deve ser dócil perante o marido, também vimos dicas de que a esposa não deve alimentar aborrecimentos e falar mal do companheiro para outras pessoas, bem como ver o lado “bom” das discussões como um momento de aprendizagem e crescimento do relacionamento; dicas que nos dias atuais seriam viáveis e plausíveis.

As leitoras enviam cartas e pedem conselhos sobre diversos temas, apontamos a da leitora com pseudônimo “educação errada”, que relata não ter o direito de dar opinião. A colunista Maria Teresa responde evidenciando que a mesma deve emitir sua opinião somente quando tiver razão, e não apenas para “salientar-se” ou chamar a atenção. Notamos a preocupação da colunista em preservar o bom relacionamento

familiar, evitando conflitos e desagradados por parte dos pais perante o comportamento da filha ou do marido. A carta da leitora pode ser observada na figura a seguir:

Figura 6– Seção Da Mulher para a Mulher.



Fonte: Revista O Cruzeiro set., de 1961, p. 40.

Em outra carta, uma jovem relata que seus pais não permitem que ela vá ao cinema com o namorado, conforme pode ser observado na figura anterior, mas permitem que ela saia com ele de carro sozinha. A colunista demonstra surpresa com o consentimento dado pelos pais e deixa clara a preocupação com os “passeios de carro da moça com o namorado, aconselhando que a mesma não frequente lugares escuros e pouco movimentados, além de não confiar na sua própria resistência”.

Essa coluna com conselhos sobre diversos problemas relatados pelas mulheres era bem popular na época e encorajava as escritas das cartas por parecer moderno. No entanto, a coluna se mostrava adepta de uma moral conservadora em relação às mulheres, justificando mais de uma vez que as leitoras eram as responsáveis pelo bem-estar da família e por fazer o casamento dar certo, “[...] constituídas as respostas que, ao mesmo tempo em que sanavam aqueles questionamentos, defendiam um posicionamento social e político” (VIEIRA, 2014, p.52).

Assim, ao observamos duas revistas com materialidades, públicos e propósitos diferentes, notamos uma convergência nas atribuições de papéis quanto a educação feminina no recorte escolhido. *O Jovem Luterano* tinha suas orientações direcionadas para que as moças se tornassem boas donas de casa, esposas e mães responsáveis pela educação dos filhos, saúde e bem-estar da família. E a revista *O Cruzeiro* versa sobre uma maneira de ensinar a esta “nova mulher” que está surgindo, uma educação que acontece para além das paredes escolares.

Percebe-se, então, que o discurso impresso nas revistas revela as várias formas de processos educativos, tanto em forma de ensino regular quanto no que diz respeito ao papel das mulheres na construção de um novo pensar e fazer feminino dentro da sociedade. Ou, ainda, caracterizando a função social e biológica da mulher enquanto esposa e mãe, reforçando certos papéis sociais que elas deveriam desempenhar nas sociedades em que estavam inseridas. É preciso analisar os impressos a partir de sua produção, em virtude de que, segundo Chartier (2010), o sentido do texto depende das formas que o oferecem para a leitura, da materialidade e escrita das fontes.

Considerações finais

É necessário compreender os escritos a partir da estrutura do texto, associando “os papéis atribuídos ao escrito, as formas e suportes da escrita, e as maneiras de ler” (CHARTIER, 2010, p. 8). Os periódicos são publicados a partir de um lugar social, cultural e econômico e são divulgados visando determinado público que também ocupa um lugar social específico (BACELLAR, 2008).

Considerando a perspectiva religiosa da revista *O Jovem Luterano*, foi possível observar, a partir do folhetim, uma liberdade orientada com base em modelos religiosos, sociais e comportamentais de cada época. Suas orientações, sendo uma revista juvenil, eram direcionadas para que as moças pudessem se preparar para os papéis socialmente a elas atribuídos dentro daquele contexto social. Preparando-as, desse modo, para assumirem as suas responsabilidades biológicas e sociais após o casamento, como: ser boa esposa, mãe zeladora pela educação dos filhos e dona de casa responsável pela apresentação da família. Portanto, era função da “Página das Moças” preparar as jovens luteranas para assumirem o seu papel no espaço privado da conjuntura familiar que tinha o marido com o principal provedor. Assim, reforçavam-se discursos e valores historicamente construídos e culturalmente sedimentados (FARIAS E TEDESCHI, 2010), definindo os lugares reservados à mulher na sociedade.

Percebemos, através das análises também da revista *O Cruzeiro*, que o auge do sucesso destinado a essas mulheres correspondia às expectativas sociais a elas dirigidas, quais sejam: o de conseguir um “bom casamento” e mantê-lo. Para tanto, deveriam estar elegantes, bonitas, recatadas e discretas, na perspectiva de tal sociedade, organizando cuidadosamente o espaço familiar.

Entendemos que, aos poucos, a representação do modelo de corpo feminino começa a passar por modificações, de maneira que as ideias anteriores passam a ser questionadas. Discursos e práticas começam a surgir em prol de mudanças. Por meio das mídias da época (revistas, rádios, TV, cinema, etc.), reproduzia-

se já um discurso em prol da emancipação feminina, mas ainda se mantinha o discurso conservador para as mulheres em geral.

O que se pode depreender é que independentemente do grupo social e religioso, ou seja, que mesmo sendo díspar o público alvo das revistas aqui analisadas, foi possível encontrar convergências entre esses dois suportes. Observa-se a necessidade de controle do universo feminino ao esperar que as mulheres no referido período fossem mulheres submissas ao casamento e à maternidade. Tanto na “Página das Moças” da revista *O Jovem Luterano* como nas colunas do periódico *O Cruzeiro*, direcionadas especificamente para as mulheres, os textos eram eivados de elementos moralizadores da conduta feminina, tendo especial atenção na orientação aos cuidados da aparência e do comportamento harmonioso conjugal, constituindo, nessa perspectiva, o ser mulher. Tais discursos fizeram parte da educabilidade desse público, forjando modelos, convencendo a naturalizar tais formas de aceitação na consolidação do universo feminino.

Referências

ALBRECHT, Elias Kruger. **Cartilhas em língua alemã produzidas pelos Sínodos Luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945)**. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Arquivo Hemeroteca Digital Brasileira. Revista *O Cruzeiro*, 1950-1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 23 out. 2022.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. IN: SOUZA, José Carlos Araújo e GATTI, Décio Júnior. **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, Autores Associados, 2002.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertand, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, jan. 2010. ISSN 1806-9592. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 29 jun. 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

FARIAS, Marcilene Nascimento; TEDESCHI, Losandro Antonio. Quando mulheres se olham ao espelho: representações da mulher ideal na revista *servas do senhor*. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.7, n.2, p. 143-164, jul/dez. 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3647521>. Acessado 29, ago. 2023.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

GONÇALO, Junior. **Alceu Penna e as garotas do Brasil**: moda e imprensa. Barueri: Amariyls, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Uma Leitura Histórica Sob a Perspectiva de Gênero. **Projeto História**. São Paulo, n.11, nov. p.31-46, 1994. Disponível online em: revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11412/8317>. Acessado 15, ago. 2023.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LUCA, Tânia Regina de. História dos nós e por meio dos periódicos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MENDES, Lilian Marta Grisolio. Questões de gênero no mundo capitalista: A mulher desejada nas páginas da revista *O Cruzeiro*. **Revista EDUC Amazônia** – Educação, Sociedade e Meio Ambiente, Manaus, a. 5, v. 8, n. 1, p. 136-149, jan./jun. 2012.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 217 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 1997.

NETTO, Accioly. **O império do papel**: os bastidores de *O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NÓVOA, António. “A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português.” In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CATANI, Denise Barbara. (Orgs.) **Educação em revista**: a imprensa e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.11-31.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e Civilização. v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MULLER, Elaine. Juventude e algumas questões e relações de gênero. **Mneme**. Rio Grande do Norte: v. 05. n. 11, jul./set. p. 214-244, 2004. Disponível online em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/231/211>. Acessado 16 ago. 2023.

- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, nov. 1943.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVI, maio. 1955.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, jan. 1957.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, ago. 1958
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, nov. 1958.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, jan./fev. 1959.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, abr./mai. 1959.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, mar. 1959.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, mar./abr. 1966
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, mar. 1969
- PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações: a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 469-512.
- RIBEIRO, Diva Conceição. **Retórica e propaganda: o feminino na Revista O CRUZEIRO – 1928 a 1960**. 2009. 133 f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, SP, 2009.
- ROMIG, Karen Laiz Krause. **O rito da confirmação luterana e o processo escolar dos pomeranos na Serra dos Tapes – RS (1938-1971)**. 2021. 226 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2021.
- SILVA, Sandra Cristina. **Educação de papel: impressoras protestantes educação de mulheres**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco/UEPE, Pernambuco/PE, 2009.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes com a questão nacional. **Mana**. Rio de Janeiro: v.3, n.1, p. 95-131, 1997. Disponível online em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acessado 03 mai. 2022.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, Paula de Oliveira. **O lugar da mulher nas páginas de O Cruzeiro: o caso de Elegância e Beleza e Da Mulher para a Mulher na década de 1960.** 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

WALTHERLIGA BRASILIANS. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, dez. 1928.

WARTH, Carlos Henrique. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900- 1974).** Porto Alegre, Concórdia S. A., 1979.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: Identidade e cultura escolar.** 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931 - 1966).** 2012. 275f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves Muza. O CRUZEIRO. In: CPDOC. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** [on-line], 2019. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20%20\(DHBB\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20%20(DHBB).pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.

Submetido: 12/01/2024

Aceito: 01/08/2024